

DEZ ANOS DA REVISTA GERMINAL – O QUE DIZEM AS ENTREVISTAS

DIEZ AÑOS DE LA REVISTA GERMINAL - QUE DICEN LAS ENTREVISTAS

TEN YEARS OF THE GERMINAL MAGAZINE - WHAT THE INTERVIEWS SAY

Jacir Mario Tedesco Filho¹

Sandra Terezinha Urbanetz²

Resumo. O presente artigo tem como objetivo apresentar uma análise da seção Entrevista, da Revista Germinal. Foram analisadas 20 edições, entre 2009 e 2018, onde foram identificadas 21 entrevistas, das quais uma foi descartada. A Revista Germinal se mostra como um veículo científico de grande importância para o meio acadêmico na difusão das pesquisas embasadas no Marxismo como referencial teórico.

Palavras-chave: Educação; marxismo; Germinal; conjuntura; materialismo histórico.

Resumen. El presente artículo tiene como objetivo presentar un análisis de la sección Entrevista, de la Revista Germinal. Se analizaron 20 ediciones, entre 2009 y 2018, donde fueron identificadas 21 entrevistas, de las cuales una fue descartada. La Revista Germinal se muestra como un vehículo científico de gran importancia para el medio académico en la difusión de las investigaciones basadas en el Marxismo como referencial teórico.

Palabras clave: Educación; marxismo; Germinal; coyuntura; materialismo histórico.

Abstract. The present article aims to present an analysis of the Interview section of Germinal Magazine. Twenty issues were analyzed between 2009 and 2018, where 21 interviews were identified, one of which was discarded. The Germinal Review shows itself as a scientific vehicle of great importance for the academic world in the diffusion of research based on Marxism as a theoretical reference.

Keywords: Education; Marxism; Germinal; conjuncture; historical materialism.

Apresentação

Germinal foi o nome dado pelo governo da Convenção (...), ao mês da primavera, (...) tempo no qual após um longo inverno acontecia a germinação. Tínhamos em mente, (...), o otimismo e a esperança depositados por Zôla, quase cem anos depois, na perspectiva de que um exército de trabalhadores explorados germinaria e faria explodir a terra, fazendo brotar a revolução proletária (Zola, Germinal, 1885). Para nós, tratava-se de retomar o projeto revolucionário de que Zôla é mensageiro, expressando-o, com a força da palavra que o autor escolheu para nomear sua esperança. (GERMINAL, 2009, p. 3).

Ao comemorarmos os 10 anos da Revista, juntamente com os duzentos anos do nascimento de Karl Marx, esse texto traz um balanço da trajetória da revista Germinal: Marxismo e Educação em Debate enfatizando a seção *Entrevista*. Assim, sem intenção de esgotar análises futuras, buscamos refletir a contribuição dessa seção para o debate educacional na perspectiva do Marxismo.

A história da *Revista Germinal: Marxismo e Educação em Debate* tem início em abril de 2008, após a realização de três edições dos Encontros Brasileiros de Educação e Marxismo – EBEM, tendo como precursor o Grupo de Estudos e Pesquisas Marxismo, História, Tempo Livre e Educação – MHTLE, com

apoio do Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil – HISTEDBR/UNICAMP e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física, Esporte e Lazer – LEPEL, como sustentação a produção acadêmica e científica desses grupos. E, em 13 de agosto de 2008, na Sala da Congregação da Faculdade de Educação da UNICAMP, de acordo com o Editorial (GERMINAL, 2009), é iniciado o processo para a confecção do primeiro número, intitulado de *Modo de produção e educação* e, desde então, está circulando de forma ininterrupta.

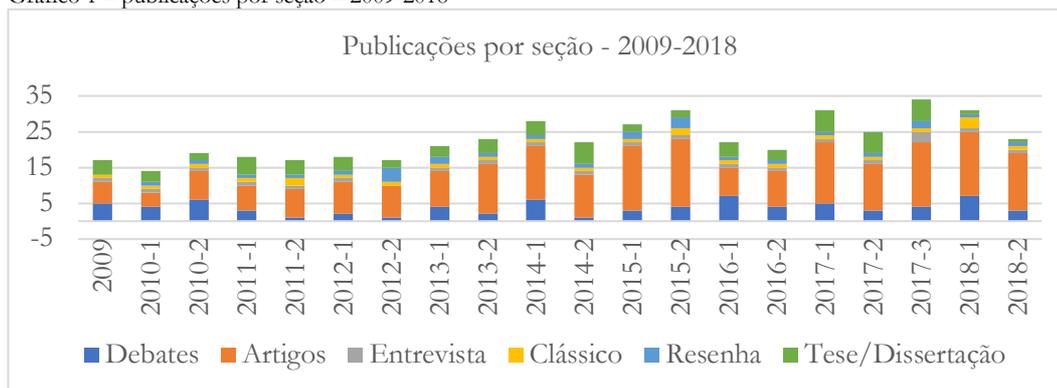
A fim de contribuir com a edição comemorativa dos 10 anos, serão trazidos as 20 entrevistas realizadas e publicadas, além de outros referenciais teóricos, quando necessários, para complementar as respostas, a fim de apresentar a grande diversidade das perguntas realizadas e a grande representatividade e atuação, nas mais variadas áreas da educação dos entrevistados, posto que a Seção *Entrevista* tem como objetivo a busca do aprofundamento da temática para a área educacional – bem como, através de uma correlação com a conjuntura atual e também histórica, a busca de uma proposta para a “construção da revolução e na conquista do comunismo” (GERMINAL, 2009, p. 3).

A Germinal – apresentação de dados quantitativos

A Revista Germinal teve a sua primeira edição publicada em 2009, e seguiu, pontualmente, de 2010 até 2016, com duas edições anuais. A partir 2017, a revista conta com três edições ao ano e vem apresentando, de acordo com o Editorial do Número 1, o desafio de “produzir solo fértil para que “germinem”, no debate sobre a educação, práticas pedagógicas que preparem – ombreados com os movimentos sociais – o caminho revolucionário para o comunismo” (GERMINAL, 2009, p. 1, grifo no original).

Particularmente, acreditamos que esse fato aponta para duas direções convergentes. Uma, que segue para o enfrentamento as tendências colocadas por setores desprovidos de uma prática progressista, como o movimento Escola sem Partido, por exemplo e, outra, da resistência na utilização do marxismo como principal referencial na produção acadêmica e científica. Inicialmente a Germinal era composta pelas seções Debate, Artigos, Entrevista, Clássicos e Resumos de Teses e Dissertações. Após 2009, a publicação passa a contar também com a seção Resenha. O Gráfico 1, abaixo, mostra as publicações por seção, no período 2009 – 2018.

Gráfico 1 – publicações por seção – 2009-2018



Fonte: Dados disponíveis na Revista Germinal 2009-2018.

Elaboração: Os autores (2018)

Diante desta informação, temos, numericamente, 75 produções na seção Debate; 239 artigos de 304 autores (alguns participaram em mais de uma produção); 21 entrevistas publicadas; 24 clássicos revisitados; 27 resenhas e 72 resumos de teses e dissertações, totalizando 458 textos.

Estes dados mostram a relevância da Revista *Germinal* pois demonstram uma quantidade considerável de produções científicas com rigor científico apurado, auxiliando aos interessados na tentativa de compreender a contribuição de Marx para a construção do conhecimento na área educacional.

A seção entrevista

No levantamento realizado para demonstrarmos os dados quantitativos apresentados no capítulo anterior, constatamos que, no Volume 4, Número 2, de 2012, havia, conforme editorial, a apresentação de uma entrevista com o Professor José Claudinei Lombardi (ORSO, 2012, p. 4), no entanto a mesma não está disponibilizada na versão online da edição e nem consta no sumário da mesma. No Volume 9, Número 3, de 2017, foram realizadas três entrevistas no mesmo volume e no Volume 10, Número 1, de 2018, a seção Entrevista conta com a publicação do Posfácio à Segunda Edição de *O Capital*, onde Marx “se refere à sua própria trajetória”, e, também, “explicita a forma muito própria do seu método em relação ao de Hegel” (PEREIRA; PEIXOTO; NETTO, 2018, p. 13).

Com a exclusão da publicação do Posfácio à Segunda Edição de *O Capital* - Volume 10, Número 1, de 2018, e com as informações citadas anteriormente temos como universo desta análise, 20 entrevistas, que foram realizadas/estruturadas por 19 entrevistadores, em 62 participações, onde há a predominância da participação das Professoras Maria de Fátima Rodrigues Pereira – com 14 participações, Elza Margarida de Mendonça Peixoto – 12 participações, Celi Nelza Zulke Taffarel – 6 participações e dos Professores Paulino José Orso – com 12 participações e Claudio de Lira Santos Junior – 3 participações. Com exceção do Professor Claudio, todos os outros professores citados compõem o Comitê Editorial da Revista.

Importante salientar que alguns dos entrevistados - Dermeval Saviani, Newton Duarte, Lizia Helena Nagel, Osvaldo Coggiola, Olgaíses Cabral Maués, e Gaudêncio Frigotto, também contribuíram com a produção de artigos. Assim, o QUADRO 1 apresenta um esquema das entrevistas realizadas entre 2009 e 2018 e que foram analisadas no presente trabalho.

Quadro 1 – Esquema das entrevistas

Revista	Título da entrevista	Entrevistado/a	Formação ¹ (D, M, PG, G)	Área de atuação
v. 1, n. 1 (2009)	Modo de produção e a Pedagogia Histórico-Crítica	Dermeval Saviani	Filosofia da Educação (D)	Educação
v. 2, n. 1 (2010)	Crise e Revolução: O Movimento dos trabalhadores do campo	João Pedro Stédile	Economia (G)	Movimentos Sociais
v. 2, n. 2 (2010)	Projeto histórico comunista e educação	Luiz Carlos de Freitas	Pedagogia (G); Educação (M), Ciências - Psicologia Experimental (D)	Educação
v. 3, n. 1 (2011)	Luta de classes, educação e revolução	Newton Duarte	Pedagogia (G); Educação (M); Educação (D)	Educação

v. 3, n. 2 (2011)	História, trabalho e educação	Edmundo Fernandes Dias	Sociologia (M); História Social (D)	Educação
v. 4, n. 1 (2012)	Imperialismo, crise e educação	João Carlos Kfourri Quartim de Moraes	Ciências Jurídicas e Sociais (G); Filosofia (G); Doctorat D'État en Science Politique ² (D)	Educação
v. 5, n. 1 (2013)	Educação e emancipação	Lizia Helena Nagel	Filosofia (G); Educação (M); Educação: História, Política, Sociedade (D)	Educação
v. 5, n. 2 (2013)	A Pedagogia Histórico-Crítica e o currículo básico para a escola pública do Paraná - 1990	Alexandra Vanessa de Moura Baczinski	Pedagogia (G); Educação (M); Educação (D)	Educação
v. 6, n. 1 (2014)	Conjuntura	Oswaldo Coggiola	História Comparada das Sociedades Contemporâneas (D)	Educação
v. 6, n. 2 (2014)	A crise do capital, a classe trabalhadora, o Partido dos Trabalhadores e os Movimentos Sociais e o Socialismo	Ricardo Antunes	Ciência Política (M); Sociologia (D)	Educação
v. 7, n. 1 (2015)	Pedagogia Histórico-Crítica	Celi Nelza Zulka Taffarel	Educação Física (G); Ciências do Esporte (PG); Ciência do Movimento Humano (M); Educação (D)	Educação
v. 7, n. 2 (2015)	Marxismo e a História da educação	José Luís Sanfelice	Filosofia (G); Filosofia da Educação (M); Educação (D)	Educação
v. 8, n. 1 (2016)	Conjuntura, luta de classes e educação	Roberto Leher	Educação (D)	Educação
v. 8, n. 2 (2016)	Luta pela terra e educação no campo	Ademar Bogo	Letras Vernáculas (G); Filosofia (G); Filosofia (M); Filosofia (D)	Movimentos Sociais
v. 9, n. 1 (2017)	Crítica da política educacional	Olgáives Cabral Maués	Pedagogia (G); Educação (M); Sciences de L'éducation ³ (D)	Educação
v. 9, n. 2 (2017)	Análises e embates marxistas da/na produção do conhecimento	Gaudêncio Frigotto	Pedagogia (G); Filosofia (G); Administração (M); Educação (D)	Educação
v. 9, n. 3 (2017)	O Brasil no contexto das mudanças na América Latina e no Império	Paola Estrada	Engenharia Agrônoma (G), Integração da América Latina (M)	Movimentos Sociais
	Análise da situação política e dos movimentos populares da América Latina	João Pedro Stédile	Economia (G)	Movimentos Sociais
	La Venezuela y los desafíos del tempo presente ⁴	Jorge Giordani	Engenharia eletrônica (G); Planejamento (D)	Educação/Política
v. 10, n. 2 (2018)	Educação Socialista	Nereide Saviani	Pedagogia (G); Educação (M); História e Filosofia da Educação (D)	Educação

Elaboração: Os autores (2018)

Fonte: Dados disponíveis na Revista *Germinal* 2009-2018.

Notas: 1 - Doutorado (D), Mestrado (M), Pós-Graduação (PG), Graduação (G).

2 - Doutorado em Ciência Política do Estado

3 - Ciências da Educação.

4 - A Venezuela e os desafios do presente

Importante salientar que, mesmo com a segmentação proposta pela *Germinal*, o conteúdo – perguntas e respostas, das entrevistas analisadas mostrou-se bastante heterogêneo, com poucos pontos divergentes, onde observamos uma oscilação entre assuntos generalistas – sindicalismo; políticas e programas públicos, e específicos – conjuntura atual; expansão e crise do capital; luta de classes; teorias histórico-cultural e histórico-crítica; educação pública; educação popular e revolucionária. Foram identificadas 208 perguntas nas 20 entrevistas com uma média de 10,4 questões por entrevista.

No caso do universo deste estudo, optamos por não criar uma categorização das respostas, tendo em vista dois aspectos fundamentais: a qualidade das intervenções e a quantidade de assuntos abordados. A criação de uma separação dos temas abordados não seria suficiente para atender qualquer regra distributiva, podendo um assunto, considerado de grande importância para a discussão, ser relevado a um mero dado quantitativo.

A fala dos entrevistados e a perspectiva marxista

Ainda que não seja finalidade exclusiva das entrevistas o direcionamento e a institucionalização de ações educacionais propriamente ditas, as respostas obtidas tem a incumbência de mostrar as contradições existentes entre o proletariado e a burguesia, nos auxiliando no entendimento, principalmente, da questão da luta de classes – um dos elementos primordiais da teoria marxista, principalmente na questão da educação e do ensino.

Surge então, a necessidade de rever o papel da escola neste processo, assim que cronologicamente precisamos responder, de alguma forma, se o papel da educação é exclusivamente, atender às necessidades do mundo do trabalho. De acordo com o que nos ensina Saviani – na entrevista à primeira edição da *Germinal*, de maneira pontual sobre a questão dualista da educação – a voltada para os dirigentes e a voltada para os trabalhadores - a educação burguesa, que está posta, não pode ser o norte da atuação educativa, pois, como pontuava Gramsci (2001), à época de *Cadernos do Cárcere*, é necessário o fomento a uma “escola única inicial de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre de modo justo o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (...) e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual.” (GRAMSCI, 2001, págs. 33-34).

Para Saviani, o tema fundamental no âmbito da relação entre educação e o modo de produção é a historicização, isto é, cabe aos educadores, principalmente aos da vertente marxista, a imprescindível historicização de todos os planos, conteúdos, propostas, currículos, enfim, em todos os conhecimentos o que, como aponta Gramsci (2001, p. 62), aparece quando a formação é feita pelas gerações, da antiga para a nova, onde “a educação é uma luta contra os instintos ligados às funções biológicas elementares, uma luta contra a natureza, a fim de dominá-la e de criar o homem “*atual*” à sua época” (grifo no original).

Como exemplo de que os entrevistados não pertencem somente a área educacional, conforme o Quadro 1, mostrado anteriormente, a *Germinal* traz João Pedro Stédile, um dos líderes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, entrevistado em duas oportunidades, que nos mostra em “Crise e revolução: O movimento dos trabalhadores do campo”, que a liberação do povo do campo não se dá somente pela obtenção da terra, contra o latifúndio e seu uso, através de maquinários e implementos, mas também através da educação. Pois somente com a democratização da educação será possível atingir um nível de consciência, em específico, para os trabalhadores do campo, enquanto agentes possuidores de direitos.

O próprio Stédile aponta, na entrevista, que o MST não aceita ser rotulado como marxista, pois acha que o termo “é muito simplista”, mesmo porque o movimento foi influenciado por diversas

correntes. Diante deste posicionamento, apresentamos duas breves considerações. Não concordamos com essa tese, nem tanto pela adjetivação utilizada, mas porque defendemos que a educação deva ter um caráter universal, baseada no modelo gramsciano. Evidente que alguma linha deva apontar para uma prática educacional voltada para o campo: conceitos de agroecologia, implementos, etc. A outra ponderação vai ao encontro da defesa, no que se refere à auto-organização, de que, não há no Brasil, nenhum outro movimento social como o MST. Quer pela sua prática revolucionária contra a burguesia, quer pela defesa, exclusivamente, dos trabalhadores rurais e suas lutas.

Mas se é pela educação que se atinge a consciência, é fato que, se a teoria marxista não foi utilizada diretamente nas práticas educativas do movimento, vários preceitos da pedagogia socialista, formulados por Viktor Shulgin, Nadezhda Krupskaya e, principalmente, Moisey Pistrak, todos marxistas, aparecem, como propostas para a educação no campo, no primeiro número do Boletim da Educação (MST, 1992). Neste sentido, o Professor Luiz Carlos de Freitas, traz estes três autores como bases da organização da teoria pedagógica na educação soviética, no período inicial da Revolução Russa.

Conforme o apontamento do Professor Luiz Carlos, o conhecimento científico é elemento fundamental para que a classe trabalhadora consiga, através da análise da realidade atual – e suas contradições, e da auto-organização, ultrapassar as barreiras nos processos de formação dos sujeitos ativos, tomando como base a experiência russa. Concordamos com essa questão, pois não seria necessário refazer o percurso adotado, principalmente por Pistrak, mas sim, mesmo que seja óbvio, partir de onde ele chegou: o entendimento de que a escola comunista não tem relação com o trabalho produtivo somente e, sim, com o trabalho enquanto atividade humana criativa.

Para o Professor Newton Duarte, além da transmissão - pela escola, e aquisição - pelo aluno, do conhecimento científico, deve-se incorporar uma prática pedagógica onde se privilegie os conhecimentos artísticos e filosóficos, com a finalidade da constituição de um ser humano pleno. Essa plenitude aproxima-se do termo integralidade, um dos adjetivos centrais da teoria marxista quando esta está direcionada à educação, representado pelo conflito histórico e atual, que é a questão da superação da dualidade trabalho intelectual e trabalho manual, amparados pelo avanço dilacerador do capital. Amparado na Psicologia soviética, particularmente em Vigotski, Duarte defende a discussão entre a psicologia histórico-cultural e a prática pedagógica como necessária para a adoção de uma teoria pedagógica mais adequada para que se concretizem as relações entre educação e luta em direção à sociedade comunista.

Na intenção de traçar um paralelo entre a prática educacional e a conjuntura atual, a *Germinal* entrevista o Professor Edmundo Fernandes Dias que, com uma recuperação histórica crítica, apresenta uma análise dos conflitos internacionais, inclusive na América Latina, refletindo sobre os desafios para a educação em uma conjuntura de crise e conflitos. O Professor, que teve grande atuação na fundação da principal central sindical do país, a Central Única dos Trabalhadores – CUT, e do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior – ANDES-SN, propõe um rompimento com o determinismo e a urgência em conhecermos a vida e as lutas dos trabalhadores.

Cabe salientar que somente uma pergunta, nesta entrevista, teve, exclusivamente, como temática principal a educação, a qual foi respondida pelo Professor Edmundo de forma primorosa, onde aponta a

diferença entre educação de classe e educação voltada para a classe e, que, enquanto pautados pelos ideais revolucionários devemos fortalecer a educação para a classe, trabalhando com uma perspectiva histórica e não pelo viés imposto pelas condições estruturadas no modo de produção capitalista.

No mesmo sentido - de realizar uma análise de conjuntura, foi realizada, na edição seguinte, uma entrevista com o Professor João Carlos Kfourti Quartim de Moraes. A mesma foi dividida em quatro seções: Conjuntura Mundial; Conjuntura na América Latina; A conjuntura na formação social brasileira e Repercussões da conjuntura na produção do conhecimento. Quartim de Moraes se vale da teoria marxista para afirmar, principalmente quando se apropria d'O Capital, de forma didática, à medida em que pretende explicar a crise estrutural do capitalismo e a necessidade de impulsionar um movimento revolucionário, conduzido pelos trabalhadores, através da teoria revolucionária, citando Lênin e apontando que esses são os maiores exemplos de movimentação contra os interesses imperialistas. São extremamente significativos, de acordo com Moraes, a luta contra o imperialismo e a defesa da revolução socialista, pois estes concernem à questão principal do embate travado contra o cerco imperialista, principalmente representado pela atuação da Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN.

Retomando a questão trazida anteriormente pelo Professor Quartim, sobre a tese leninista, de que “sem teoria revolucionária, não há movimento revolucionário”, e os apontamentos da Professora Lízia Helena Nagel sobre uma superficialidade nas leituras marxistas e consequente fragilidade de atuação “dos idealistas de hoje que defendem bandeiras burguesas enquanto se arvoram marxistas”, reforçamos a urgente e necessária formação teórica, através de estudo e análise mais aprofundados da teoria marxista, não só para o campo educacional, mas também, como visto até o momento, no campo político.

Elemento presente na quase totalidade das entrevistas da *Germinal*, a análise de conjuntura é a avaliação da situação atual, realizada através de uma “análise” da realidade, formada, também com elementos históricos, mas que, conforme a Professora Lízia, ao permanecermos em uma leitura superficial, acabamos por reforçar os ideais burgueses que assolam direitos, principalmente dos trabalhadores e, como visto atualmente, de diversas minorias. Para qualquer finalidade, a análise de conjuntura não pode ser neutra. Ela é consequência no nosso campo e da nossa luta - marxismo e educação - do interesse principal que está posto para nós: a luta contra a hegemonia dos interesses do capital.

Com a intenção de aproximar educação e emancipação, além de apresentar a necessidade da apreensão do ideário materialista, a Professora Lízia faz importante reflexão sobre quais são as fontes, principalmente aquelas fornecidas aos professores, utilizadas para a oferta de alternativas para o processo formativo que está posto, a quais interesses devem atender realmente e qual a possibilidade de viabilização da emancipação humana. Não nos interessa a “emancipação capitalista” alcançada, contrariando as contribuições de Marx, que resultam na “impossibilidade de libertação do homem da relação de expropriação do seu trabalho”.

É sobre esse ponto, a emancipação humana, que encontramos, na entrevista, a referência ao materialismo histórico, tratado como o único caminho a ser seguido para entender e alcançar a emancipação, a única teoria capaz de explicitar o modo de produção das condições materiais reais. Mais do que isso, é importante que se faça a diferenciação entre demanda e reivindicação. Quando falamos em

demanda por direitos, esta tem origem nos interesses do capital - a “emancipação capitalista”, atendida com a manutenção de direitos “maquiados” (grifo nosso), e, que, reivindicação de direitos está mais próxima da “emancipação humana”, propriamente dita, analisando as contradições, principalmente na luta de classes.

Nesse sentido, surge a análise da implantação da Pedagogia Histórico-Crítica - PHC, no estado do Paraná, realizada pela Professora Alexandra Vanessa de Moura Bacinski. O período estudado na pesquisa, reflete, respectivamente, o período de abertura democrática – 1983, e o início da implantação do neoliberalismo – 1994, no Brasil. No período da democratização houve a oportunidade da construção de uma nova proposta educacional, a qual teve como fundamento a Pedagogia Histórico-Crítica, até a sua substituição, em 1995, pela Pedagogia das Competências. De 1983 até 1994, os governos eleitos, por sufrágio universal, eram do Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB. A partir de 1995, Jaime Lerner – do Partido Democrático Trabalhista - PDT, assume o governo e permanece por dois mandatos, sendo que no segundo mandato, Lerner estava filiado ao Partido da Frente Liberal – PFL, marcadamente de cunho neoliberal.

No período 1983-1994 foram observados vários aspectos positivos, na educação paranaense, como o aumento do número de escolas e de alunos matriculados, mas as condições dos docentes continuaram precarizadas e sem condições de garantir aos alunos o acesso ao conhecimento científico – uma das bandeiras da pedagogia histórico-crítica. Se não houve a apropriação dos fundamentos da PHC pelos alunos, tampouco foi assimilada pela classe docente, diante da impossibilidade de superação do modelo imposto pela sociedade capitalista. Para a Professora Alexandra, à época da entrevista, a institucionalização da PHC no Paraná, dependia, exclusivamente, da necessária compreensão dos professores enquanto trabalhadores, percebendo a falta da consciência de classe e a ocorrência da alienação, nas suas mais diversas formas.

Como proposta de reforçar a questão da conjuntura na sua linha de atuação, a *Germinal* traz, uma edição inteira sobre esta temática e apresenta a entrevista com o Professor Osvaldo Coggiola, onde, de maneira informal, mas bastante crítica, dando lugar as suas reflexões, apresenta o que chama de esquerda *fashion* se pergunta: o que sobrou do governo do PT? Afirmado que a melhor escola de formação política é a luta de classes, Coggiola desenvolve seu argumento dando uma ênfase especial as contribuições d’O Capital e do Manifesto Comunista, como bases para uma análise de conjuntura mais apurada. O Professor defende a tese de uma política classista e revolucionária para que o capitalismo seja destruído e não superado, e que, primordialmente, o dever dos revolucionários não é ensinar, mas fazer pensar.

A entrevista realizada com o Professor Ricardo Antunes foi comentada pelos Professores Ariovaldo dos Santos e Plínio de Arruda Sampaio Jr. Pela extensão, da entrevista e os comentários, foi realizada a análise daquela, através de um exercício reflexivo, realizado de forma breve, na tentativa de dar prosseguimento à entrevista anterior e servindo como elo para a entrevista posterior.

Na entrevista, o Professor Ricardo Antunes, uma das principais referências da Sociologia do Trabalho, aponta que a crise do capital está causando uma destruição ambiental e da força humana do

trabalho devastadoras. Aborda a aproximação obrigatória da esquerda junto aos trabalhadores e suas condições de trabalho, para compreender essas relações com o mundo do trabalho e o trabalho precarizado. Critica ainda que os governos do Partido dos Trabalhadores não realizaram essa aproximação e simplesmente fomentaram políticas assistencialistas sem nenhuma perspectiva de alterar as condições reais dos trabalhadores, incluindo aí a realização de processos brandos de privatização, da abertura especulativa dos bancos e a constatação de uma dualidade acentuada da atuação da Central única dos Trabalhadores – CUT. Finalmente, defende a ampliação das lutas sociais em todos os níveis e que estas tenham dimensões extrainstitucionais e extraparlamentares, avançando nas questões de recuperar o tempo de vida dotado de sentido no trabalho e fora dele para aprofundar na reflexão da importância dos movimentos sociais e suas lutas.

Nessa mesma linha de raciocínio, a Professora Celi Nelza Zulka Taffarel aponta que as políticas adotadas foram insuficientes para promover o salto qualitativo necessário para barrar a hegemonia burguesa impedindo o conhecimento, pelas massas, da verdadeira intenção nas relações capitalistas e de não garantir, de forma básica, direitos fundamentais a todos os seres humanos. Nesta direção, o Professor José Luís Sanfelice – historiador da educação, segue na defesa de que o marxismo, mesmo com seus embates e nas suas várias manifestações, contribui, como aporte teórico e analítico, na produção de projetos para a formação social brasileira. Sanfelice ainda disserta que a obra de Florestan Fernandes, sobre educação, é de fundamental importância histórica, e que há a necessidade de que os jovens historiadores se inteirem do pensamento marxista, para evitar que as ciências humanas continuem ocupando um espaço minoritário da produção de conhecimento, além da imprescindível defesa da pós-graduação das instituições públicas.

Na entrevista do Professor Roberto Leher a primeira questão a ser observada é o projeto Escola sem partido, patrocinado, particularmente pelo PSDB, com apoio político em todas as esferas, pois além de afetar diretamente o posicionamento crítico na observação da realidade, prega a ausência da problematização e da cultura científica, elementos tão caros ao materialismo histórico. Enquanto reitor de uma Universidade Federal, Leher defende que as instituições federais de ensino – IFEs, não sejam adjetivadas, simplesmente, como meras prestadoras de serviço. Evidente apontar os recentes ataques promovidos, principalmente pela imprensa, às IFEs, particularmente à UFRJ, evitados de achismos confluentes aos interesses da iniciativa privada educacional. A respeito desse fato, pelo engajamento e fala do Professor Leher, se faz urgente uma apropriação teórica de uma pedagogia realmente crítica, que sirva de impulso para a motivação e encantamento dos estudantes e dos trabalhadores.

Retomando os ideais revolucionários, o filósofo Ademar Bogo, de forma pontual, reforça que a classe trabalhadora deve estar organizada e consciente de seu papel na sociedade, através de uma educação baseada em teoria, prática e finalidade onde o conteúdo da consciência de um ser consciente é um processo em construção formado em todos os lugares e momentos, não sendo só a escola o único lugar formativo. Explicando o resultado dúbio do PRONERA – positivo para o acesso dos camponeses ao ensino superior, mas negativo, pela questão da submissão dos movimentos sociais aos governos, Bogo aponta para a importância do referido programa, enquanto resultado da luta social, especialmente pelo

direito à terra, e a pedagogia adotada – a da alternância, como norte didático-pedagógico para o povo do campo. Sendo assim, o papel da formação estaria orientado à recuperação da relação entre conhecimento e a prática do trabalho, enquanto processo formativo, que, para Bogo, deveria estar baseada em uma profunda noção do processo histórico, organizado com seus fundamentos culturais e éticos no processo de transformação social.

No que se refere às políticas públicas educacionais, a Professora Olgaíses Cabral Maués evidencia que ações – como o PROUNI e o fortalecimento do FIES, foram realizadas com o intuito de beneficiar o capital privado, com o apoio de todos os governos, desde 2000, gerando um elevado número de instituições de ensino, sem nenhum critério de qualidade, nem a obrigatoriedade de realizar pesquisa. A Professora salienta ainda que as ocupações nas escolas em 2016 significaram um grande avanço, promovido pelos estudantes, servindo como lição para toda a sociedade e que deve ser promovida uma organização conjunta, entre os professores da educação básica e superior, juntamente com os movimentos sindicais e sociais, para impedir ações de movimentos de direita que, como sabido, são muito bem organizados e contam com elevado financiamento para, só assim alcançarmos uma sociedade justa e igualitária, com distribuição de riqueza e democrática.

O Professor Gaudêncio Frigotto evidencia que estamos inseridos em um contexto histórico ultraindividualista, regidos pela lógica do mercado e que a educação se tornou um produto para atender essa lógica e o seu uso apresenta um conflito bem próximo da nossa realidade, que é a questão da superação da dualidade trabalho intelectual e trabalho manual, amparados pelo avanço dilacerador do capital. Frigotto defende a atualidade da produção de Marx e a trata como horizonte fundamental para entender as relações sociais, em conjunto com a leitura de autores como Caio Prado Junior, Florestan Fernandes, Otavio Ianni, entre outros que auxiliam a entender a história da formação da sociedade brasileira, pois são estes estudos, tão criticados pelas correntes liberais, os principais reveladores das crises do capital e sua verdadeira intenção mutiladora de direitos.

Paola Estrada em “O Brasil no contexto das mudanças na América Latina e no império”, fala sobre os sucessivos golpes na América Latina contra governos não alinhados com os interesses imperialistas, com características muitas vezes idêntica e, também, em nível mundial, pois estes tem buscado sair de suas crises econômicas apropriando-se de recursos naturais e ganhando novos mercados para suas empresas, ou seja, na América Latina eles encontram essas duas saídas.

Já em “Análise da situação política e dos movimentos populares da América Latina”, Stédile, aponta sobre os interesses imperialistas na América Latina, mais especificamente na Venezuela e, especialmente, no Brasil, cada país com as suas particularidades socioeconômicas, da criação da Aliança Bolivariana para os Povos da Nossa América – ALBA, cujos interesses são o de proteção aos ataques de empresas transnacionais, a difusão de um sistema de comunicação democrático e outras formas culturais de formação e comunicação.

Neste mesmo enfrentamento geopolítico, Jorge Giordani apresenta uma análise histórica, aonde denuncia os interesses imperialistas ao redor do mundo e principalmente na Venezuela, retomando que essa avalanche em busca de uma apropriação ilegítima de recursos naturais e energéticos, serve somente

para diminuir os efeitos das crises constantes do capital. Para o enfrentamento nesse embate, Giordani, que já exerceu o cargo de ministro de Hugo Chávez, relata as políticas e ações realizadas pelo governo Chavista, na área educacional, com a perspectiva da elevação da consciência e da responsabilidade da sociedade venezuelana, diminuindo as misérias e as contradições imputadas pelo capital. De maneira entusiasta defende que só cabe ao povo o dever de ser protagonista do seu destino.

Por último, a Professora Nereide Saviani, na entrevista intitulada “Educação Socialista”, retoma a importância da atuação do HISTEDBR, da Associação Brasileira de Educadores Marxistas – ABEM e da própria revista *Germinal*, na produção e difusão das pesquisas e produções científicas, que valorizam a apropriação crítica do saber, o caráter científico do ensino e seu caráter de classe, considerando a formação do pensamento científico, através de uma pedagogia que defenda o trabalho como princípio educativo, pois, como já apontava Marx (2009, p. 68), nas Instruções aos Delegados do Conselho Central Provisório, a educação deveria estar pautada sobre três combinações: a educação intelectual, educação corporal e educação tecnológica, defendendo que estes três pilares serviriam para elevar a classe operária em um nível maior do que a classe burguesa, assim como, neste momento, confirma a Professora Nereide.

Considerações finais

Ao apresentar um levantamento quantitativo e análise das entrevistas publicadas pela Revista *Germinal: Marxismo e Educação em Debate* no período entre 2009 e 2018, verificou-se em 20 entrevistas que a Revista se mostra como uma importante ferramenta de divulgação do debate científico e das pesquisas realizadas a partir do referencial teórico de Karl Marx como ponto de partida.

Com toda a dificuldade encontrada atualmente na sociedade brasileira, a divulgação da trajetória dos posicionamentos sobre educação e marxismo, no interior da pedagogia demonstra uma resistência em adotar o direcionamento socialista para um caminho de consciência revolucionária no embate com os interesses do capital. Nessa perspectiva, a intenção da *Germinal* é propor uma maior aproximação desta temática para a área educacional. Acreditamos que, pela atual conjuntura e pelo posicionamento neoliberal apresentado pelo governo atual, a única forma de frear essa realidade é ajudar, através das produções publicadas pela *Germinal*, os interessados a lerem essa realidade de forma crítica, pois acreditamos no relevante caráter científico da publicação para fomentar a ideia de que os trabalhadores tenham a possibilidade de serem mais virtuosos e que não sejam explorados.

Pistrak (2011) nos ensina que a escola deve passar a assumir a lógica da vida, e não mero preparo teórico dela e para ela, devemos nos preparar para construir uma “pedagogia da ação”, onde os estudantes, bem amparados e preparados, produzam “objetos materiais úteis”, “aprendendo habilidades, comportamentos e posturas”, visando “seu desenvolvimento humano e à sua inserção social”. Para Krupskaya (2017), essa preparação deve excluir os pressupostos da pedagogia burguesa e, de acordo com Marx, há a necessidade de ligar o trabalho com a produção, resultando assim em um trabalho com um grande valor educativo. Apenas uma estreita ligação do ensino com o trabalho socialmente produtivo pode destruir o caráter de classe moderna, como Marx aponta no Manifesto comunista.

As entrevistas analisadas apontam conceitos marxistas fundamentais à educação demonstrando o vigor conceitual dos entrevistados, entrevistadores e da proposta da Revista indicando, de maneira inquestionável a necessidade de uma permanente análise de conjuntura a partir dos elementos históricos concretos, que, mesmo em tempos sombrios temos esperança de ver germinar.

Assim, a luta por uma sociedade e uma pedagogia, de viés socialista, brevemente apresentada e grandemente sonhada, deve propor o acesso irrestrito ao conhecimento como direito, com a compreensão da realidade atual, embasada por uma análise histórica e com a produção de condições coletivas contra a ordem de lógica capitalista, excludente por natureza.

Referências bibliográficas

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Volume 2. Edição e tradução: Carlos Nelson Coutinho; coedição: Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

KRUPSKAYA, N. K. **A construção da pedagogia socialista**. FREITAS, L. C; CALDART, R. S. (Orgs.). São Paulo: Expressão Popular, 2017.

MARX, K; ENGELS, F. **Textos sobre educação e ensino**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2009.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. MST. **Biblioteca Digital da Questão Agrária Brasileira**. Boletim da Educação N° 01 – Ocupar, resistir e produzir também na educação. Disponível em:

<[http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/BE%20\(1\).pdf](http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/BE%20(1).pdf)>. Acesso em 24/09/2018.

ORSO, Paulino José. Editorial. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 4, n. 2, p. 1-5, jul. 2013. ISSN 2175-5604. Disponível em:

<<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9380>>. Acesso em: 15 Mar. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v4i2.9380>.

PEIXOTO, Elza; PEREIRA, Maria de Fátima Rodrigues. Editorial. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 1-3, mar. 2009. ISSN 2175-5604. Disponível em:

<<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9352>>. Acesso em: 15 Mar. 2019.

PEREIRA, Maria de Fátima Rodrigues; PEIXOTO, Elza Margarida de Mendonça; COSTA NETTO, Pedro Leão da. **MARX VIVE!!! VIVA MARX!!!**. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 10, n. 1, p. 1-15, mai. 2018. ISSN 2175-5604. Disponível em:

<<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/26661>>. Acesso em: 15 Mar. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v10i1.26661>.

PISTRAK, M. M. **Fundamentos da escola do trabalho**. Trad. REIS FILHO, D. A. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

RODRIGUES PEREIRA, Maria de Fátima. **EDUCAÇÃO SOCIALISTA: DESAFIOS TEÓRICO-PRÁTICOS E COMPROMISSO COM A CLASSE TRABALHADORA**. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 10, n. 2, p. 1-3, set. 2018. ISSN 2175-5604. Disponível em:

<<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/27950>>. Acesso em: 15 Mar. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v10i2.27950>.

Notas:

-
- ¹ Especialista em Sociologia Política, pela Universidade Federal do Paraná (2016) e mestrando do programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal do Paraná. Instituto Federal do Paraná. Email: tedesco.filho@gmail.com
- ² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2006). Docente do Instituto Federal do Paraná. Atua no ensino básico, técnico e tecnológico, na especialização em Educação Profissional e no programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal do Paraná. Email: sandra.urbanetz@ifpr.edu.br